

OS CONTOS DE FADAS FORAM FELIZES PARA SEMPRE?¹

Andréia Nascimento Carmo

Professora/ Seduc- TO

Mestranda/ PPGL/UFT

UFT – Universidade Federal do Tocantins - dreiancn@gmail.com

Orientadora: Valéria da Silva Medeiros

Professora Doutora/ PPGL/ UFT

UFT – Universidade Federal do Tocantins – medeiros.vs@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste texto é divulgar o norteamento do terceiro capítulo que compõe a pesquisa de mestrado “Era uma vez: o conto de fadas e a formação do leitor no Ensino Fundamental”. Observaremos como os contos de fadas aparecem em alguns livros didáticos e em livros literários. Faremos a análise de alguns contos como Chapeuzinho Vermelho: uma aventura borbulhante, de Lynn Roberts, et. al. e, Ruth Rocha reconta João e Maria, de Ruth Rocha e Adilson Farias, considerados como contos modernos visando identificar algumas das novas características adquiridas por meio de renovações ideológicas. Posteriormente, mostraremos outras formas de transmissão e adaptação desses contos para o cinema. Tais renovações são relevantes para a discussão sobre a trajetória em que está envolvido esse gênero literário, sob o qual nos interessa destacar o porquê e, sobretudo, como os contos de fadas são retomados e quais suas contribuições para a formação do leitor literário.

Palavras-Chave: Conto de fadas. Literatura. Imaginário coletivo.

Introdução

Os contos de tradição oral foram e ainda são utilizados como uma forma de prazer tanto para adultos como para as crianças. Além disso, eles continuam vinculados à ideia de elemento educacional. Com o passar dos séculos, surgiram novas formas de se apropriar desses contos por meio de diversos suportes. Assim sendo, embora o conto de fadas ainda seja explorado através da oralidade, na contação ou na leitura dos mesmos, atualmente os contos aparecem materializados em outros suportes como, por exemplo, o livro didático, o cinema, a propaganda e a moda.

Ainda que esse conto seja veiculado de maneira diferente em outras instâncias, as novas formas de uso dos contos de fadas retomam no imaginário coletivo a imagem e a consciência de educação do sujeito pelo conto. Conforme a teoria proppiana, não se esconde a estrutura dos contos de fadas, ela continua a mesma. Entretanto, o conto de fadas não é o único elemento das variedades de exibição mais atualizadas. Utilizam-se particularidades dessa narrativa a partir de uma memória secular reproduzidas em falas, imagens, comportamentos, e etc, em que a sociedade aceita similaridades com artifícios medievais, tais como, reis, rainhas, princesas, magias.

Justificativa e objetivos

¹ Capítulo da dissertação “Era uma vez: o conto de fadas e a formação do leitor no Ensino Fundamental”, PPGL/ UFT, 2016.

A Idade Média é um dos imaginários mais fortes na sociedade atual. Ainda nessa época, não havia distinção entre crianças e adultos para o público a quem se direcionavam os contos de raízes folclóricas. Deste modo, traçamos o objetivo de pensar por onde esses contos já passaram, de que maneira estão inseridos em nossa sociedade atual e, como as pessoas vão se apoderando desses contos. Assim, relacionaremos diferentes formas de transmissão e adaptação desses contos, direcionados tanto para as crianças quanto para os adultos, como analogias ao mundo medieval. Pois que, as renovações atribuídas aos contos de fadas são relevantes para a discussão sobre o caminho porque percorrem essas narrativas, sob as quais buscaremos ressaltar o porquê e como elas são retomadas, reinterando certos valores éticos e morais.

Em meio a esses valores destacam-se, por exemplo, que a criança deve possuir boas virtudes, se comportar de acordo com as regras de boa convivência convencionadas pelas lideranças religiosas e moralistas. Há uma estrutura já aceita das personagens – ou se é bom, ou se é mau – sob a qual existe a possibilidade de um final feliz ou a ideia de justiça, concretizada pela punição do vilão. Ademais, criou-se a imagem de um herói como o homem ideal que protege a princesa, que por sua vez, as narrativas de fadas contribuem para a criação da figura de uma mulher submissa, que precisa ser salva e seduzida.

Diante do exposto, torna-se pertinente percorremos por caminhos que nos levem à noção de como os contos de fadas aparecem em determinadas bases de veiculação. Como é que alguns “pedaços” dessas narrativas surgem em alguns “lugares” e, finalmente analisaremos suas contribuições para a formação do leitor literário, seguros de que a imagem dos contos de fadas vai se disseminando por meio de diversos sustentáculos, porém, não abandona a oralidade – contação ou leitura de histórias –, e também a escrita – literatura infantil.

Discussões

Para a composição integral deste capítulo dividi-lo-emos em três tópicos. No primeiro – Os contos de fadas e/ no livro didático – observaremos primeiramente o espaço dos contos de fadas em alguns livros que foram aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) e pelo Plano Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). O contato com o livro é um fator relevante na formação do leitor literário, pois,

os livros são hospitaleiros e nos permitem suportar os exílios de que cada vida é feita, pensá-los, construir nossos lares interiores, inventar um fio condutor para nossas histórias, reescrevê-las dia após dia. E algumas vezes eles nos fazem atravessar oceanos, dão-nos o desejo e a força de descobrir paisagens, rostos nunca vistos, terras onde outra coisa, outros encontros serão talvez possíveis. Abramos então as janelas, abramos os livros. (PETIT, 2009, p. 266)

Abramos alguns livros didáticos, a começar pelos livros da primeira fase do Ensino Fundamental entre os aprovados pelo PNLD 2016, destacamos os livros: 1- Projeto Coopera: Letramento e Alfabetização – 2014, indicado para o 1º ano, das autoras Luzia Fonseca Marinho e Maria da Graça Branco; 2- Em seguida apresentaremos o espaço ocupado pelo conto de fadas no livro direcionado para o 2º ano – Projeto Buriti: Português – 2011, uma obra coletiva organizada pela editora Moderna, editora responsável Marisa Martins Sanchez. 3- Analisaremos também o espaço ocupado pelo conto de fadas no livro indicado para o 4º ano – Ápis: Língua Portuguesa – 2015, de Borgatto et. al. 4- Para finalizarmos com os livros didáticos analisaremos o lugar dos contos de fadas no livro – Português: Linguagens – 2015, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, aprovada pelo PNLD 2017, 2018 e 2019. Observaremos em todos esses livros, como os contos de fadas são apresentados, que tipo de atividades é proposta com eles e se elas podem contribuir ou não, para a formação do leitor literário.

No segundo tópico – As releituras contemporâneas dos contos de fadas – passaremos para alguns livros literários aprovados pelo PNBE, a saber – Chapeuzinho Vermelho: uma aventura borbulhante – de Lynn Roberts. – Ruth Rocha reconta João e Maria – de Ruth Rocha e, o conto – A bela e a Fera – de Clarice Lispector. Nos quais analisaremos a forma em que a narrativa foi apresentada, com base na estrutura apresentada por Vladimir Propp. O pesquisador Russo se preocupava com as estruturas fixas que tais narrativas possuem, estabelecendo uma relação de semelhança entre elas. Ressaltaremos também a ideia moral ou educativa, nos contos citados, para assim, comprovarmos o caráter pedagógico – escolar ou não – dos contos de fadas.

No terceiro e último tópico deste capítulo – O conto de fadas e interfaces com o cinema – apresentaremos a adaptação dos contos de fadas para a linguagem da televisão e do cinema. Assim, elencaremos de que forma o estabelecimento de uma imagem coletiva permanece fortemente presente nessas narrativas, ainda que elas passem por algumas adaptações. Ainda que a relação inicial da criança com o texto escrito seja apenas o livro didático, o qual possui direcionamento educacional pedagógico, devemos lembrar que ela carrega consigo um acervo de narrativas adquiridas pelo contato com as pessoas à sua volta e sua leitura de mundo. Esse fato nos faz reconhecer a importância dessas narrativas para que os novos textos façam sentido para a vida das crianças.

No meio social, os contos de fadas perpassam as diversas formas de serem narrados e chegam ao público por outras formas que não apenas a escrita ou a oral. Assim, trataremos de

algumas adaptações de contos de fadas tradicionais feitas pela Disney na década de 50, uma companhia multinacional de mídia de massa, famosa pelo sucesso das narrativas que leva para o cinema.

Analisaremos alguns aspectos dos filmes – Deu a louca na Chapeuzinho Vermelho; João e Maria: Caçadores de Bruxas – os quais são compatíveis com os contos estudados no tópico anterior. Por fim, abordaremos alguns atributos dos contos de fadas tradicionais e, também reiteraões na série de televisão americana – Once upon a Time – lançada pela ABC, outra companhia midiática, mas que utiliza personagens de filmes da Disney.

Conclusão

O conto de fadas, como entretenimento, formação e consumo, possui raízes em dois estereótipos que se mantêm desde a sua origem: educação e prazer. O imaginário coletivo criou uma imagem da infância sob a qual retoma a consciência de educação do sujeito pelo conto a partir de falas, imagens, comportamentos, roupas, brinquedos e etc. Assim, os contos de fadas atravessam timidamente os documentos oficiais de educação, chegam a outros meios de transmissão que não apenas por meio da escrita e, adentram às novas formas de comunicação social e se inserem em nosso cotidiano de maneira tão corriqueira que por vezes passa por despercebido diante de muitos leitores, telespectadores, consumidores.

Por fim, compreendemos que os contos de fadas estão presentes nos mais diversos lugares, das mais diversificadas formas. Se nas diferentes adaptações e suportes eles não aparecem como um todo, na íntegra, mais próximos das versões tradicionais, ainda assim, com novos arranjos, há *flashes* desses contos que sobrevivem durante séculos pela memória cultural da sociedade. O conto de fadas tornou-se um gênero literário necessário à contribuição educativa e formadora dos futuros adultos e leitores competentes. “Assim, além de nos ajudar a elaborar nossos desejos e lidar com nossos problemas cotidianos, as narrativas podem ajudar na formação do leitor: um leitor entusiasmado, que faz a leitura do texto em parceria com a leitura da vida” (VERSIANI, et. al., 2012, p. 59).

Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

- BORGATTO, Ana Maria Trinconi; BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto; MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho. **Ápis: Língua Portuguesa**. São Paulo: Ática, 2014.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: Linguagens**, 6. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.
- FRANZ, Marie-Louise von. **A interpretação dos contos de fada**. São Paulo: Paulus, 1990.
- JESUALDO. **A literatura infantil**. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- LISPECTOR, Clarice. **A bela e a Fera**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- MARINHO, Luzia Fonseca; BRANCO, Maria da Graça. **Projeto coopera letramento e alfabetização**, 1º ano: ensino fundamental: anos iniciais. São Paulo: Saraiva, 2014.
- PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- PROPP, Vladimir. As transformações dos contos fantásticos. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (Org.). **Teoria da Literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1978. p. 245-267.
- ROBERTS, Lynn. **Chapeuzinho Vermelho: uma aventura borbulhante**. São Paulo: Nobel, 2009.
- ROCHA, Ruth. **Ruth Rocha reconta João e Maria**. São Paulo: Moderna, 2010.
- SANCHEZ, Marisa Martins. **Projeto Buriti: português**. Editora Moderna (org.). 2. ed. São Paulo: Moderna, 2011.
- VERSIANI, Daniela Beccaccia; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda. **Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura**. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Cátedra Unesco de Leitura PUC-RIO, 2012.